

A IMAGEM DO EXÉRCITO PERANTE A OPINIÃO PÚBLICA

(Aula inaugural no CEP em 1968)

Cel Inf (QEMA)
OCTAVIO COSTA

1. INTRODUÇÃO

"Onde estiver, na ativa ou na reserva, estarei sempre com os olhos voltados para o CEP, porque aqui deixo parte do meu mundo."

Valho-me das palavras finais, de amor e zélo, do boletim de despedida de meu antecessor — Cel Rosalvo Jansen — para iniciar-me e iniciar-vos neste pequeno grande mundo, no momento mesmo do recomeço.

Porque apenas hoje realmente me invisto nas funções de seu comandante e diretor de ensino, pois uma escola é feita de alunos e mestres, sómente agora reunidos.

Pretendi oferecer-vos uma sessão inaugural que engrandecesse o Centro de Estudos de Pessoal, uma palavra à altura de 67, quando aqui se fêz ouvir o Diretor-Geral do Pessoal, o eminentíssimo General Muricy.

Deliberaram os meus superiores que, no lugar de aula magna, pronunciada por um grande nome, dissesse o novo comandante as palavras simples de sua iniciação.

Busco fazê-lo, com o sentimento do dever, o amor à verdade e o melhor propósito de servir, que têm feito da vida militar a minha vida.

Com alento das personalidades aqui presentes — altos chefes, professores, amigos, companheiros — que vieram trazer ao CEP a sua confiança e o seu estímulo, darei as boas-vindas aos que se iniciam e tentarei dizer-vos como vejo "*O CEP e a imagem do Exército perante a opinião pública*".

2. A MISSÃO DO CEP

Este Centro nasceu com a Revolução de Março — de seu sentimento reformista, de seu idealismo, de seu espírito renovador.

Não foi feito para mudar o Exército, ensinar-lhe uma outra verdade, ou para assoprar um novo "tenentismo" cultural. Mas para ajudá-lo a ser ainda mais eficiente, contribuir para atualizá-lo e prepará-lo para o advento do futuro. Não tem a pretensão de licenciar doutores ou de formar tecnicistas. Mas de iniciar soldados, no estudo e na pesquisa de

assuntos ligados aos campos da ciência e da tecnologia — aplicáveis ao setor de pessoal — de forma a capacitá-los a *formar soldados ainda melhores*. Mas de contribuir para a avaliação do potencial humano do Exército; para a fixação dos padrões de seleção, de orientação profissional, de ajustamento e reajustamento de pessoal; para o aperfeiçoamento da técnica de ensino que preside ao preparo dos quadros e da tropa; para a orientação educativa, bem como para desenvolvimento das técnicas de comunicação, de relações humanas e públicas, de operações psicológicas, de pesquisa operacional, de processamento automático de dados e de organização de métodos; tudo visando ao *aperfeiçoamento do moral do pessoal do Exército* e a proporcionar aos chefes novas possibilidades para o mais perfeito exercício do comando.

3. AS BOAS-VINDAS

3.1 O caráter militar do CEP

Interpretada a missão do CEP, desejamos dar-vos as boas-vindas, lembrando-vos, uma vez mais, que, *antes de ser uma escola, o CEP é um quartel*, onde todos em cada um procuramos servir, ainda mais e melhor, ao Exército.

Lembrai-vos que esta é *uma escola de um Exército pobre*, que procura fazer frutificarem — na inteligência, no suor e no devotamento — os recursos que a Nação, com sacrifício, nos confia para a sua segurança.

Atentai, sobretudo, em que, *a cada oficial ou sargento, aqui presente, corresponde um posto desguarnecido*. E que o vosso esforço e a vossa cooperação, na permanência entre nós, bem como a vossa tenacidade e a vossa humildade, no retorno, devem recompensar aquêles sacrifícios.

3.2 O problema dos fins

Antes que vos digamos algumas reflexões sobre o papel do CEP e a vossa tarefa futura, escutai esta advertência — tão necessária quanto simples e evidente — feita pelo Professor João Bosco Lódi, referindo-se a administradores que foram mandados fazer algum curso: “*A pessoa que vai a um curso deve saber por que está sendo mandada, por que esse curso foi escolhido entre outros, o que esperar do curso, e o que se espera que ele faça ao terminá-lo*”.

A advertência — tão simples, tão óbvia, tão espontânea — faz-nos pensar profundamente, porque encerra o problema filosófico dos fins.

Por que necessita o Exército, não só dos cursos que hoje se iniciam, como dos que virão depois? Quem deverá fazê-los? E, mais tarde, como poderá o Exército tirar o melhor partido do esforço despolido?

3.3 A indicação dos candidatos

O problema da indicação dos candidatos aos diversos cursos é da competência do Estado-Maior do Exército, que a ele vem dando o merecido tratamento, considerando-o em face das necessidades funcionais e em

correlação com a visão global de um plano de carreira. Se a experiência e a necessidade aconselharem modificações na alternativa vigorante, acreditamos sejam elas no sentido da melhor adequação do homem à função e, quem sabe, no de, em certos casos, trazer o candidato em estágio mais moderno da carreira.

3.4 A destinação dos diplomados

No que se refere à destinação do diplomado, procura-se firmar o ponto de honra de fazê-lo retornar à organização de origem, para ali difundir os novos conhecimentos. É mister, no entanto, que se proporcione ao iniciado, não só o ambiente e o clima para que frutifique o seu trabalho, mas que lhe seja dado um "status", que o estimule a progredir. Isso haverá também de ser considerado pelo Estado-Maior do Exército, no momento em que retoma os estudos iniciados pela famosa CRALBE, para levá-los a bom termo. Trata-se, aqui, sobretudo, de criar e incentivar possibilidades de alternativas, quem atendam às inclinações individuais, considerada uma perspectiva global da profissão. Alcançado esse objetivo, teremos assegurado a permanente motivação profissional dos quadros, na sua totalidade ou imensa maioria, alentando a mentalidade renovadora e o espírito inventivo e, assim, assegurando vitalidade à instituição.

4. A IMAGEM DO EXÉRCITO

4.1 A preocupação com a opinião pública

Feita esta digressão, encaramos, um a um, os cursos que hoje se iniciam e os que virão depois.

Dentre os primeiros, dois dêles dizem respeito, diretamente, à opinião pública — o "Curso de Operações Psicológicas" e o "Curso de Opinião Pública e Relações Públicas". E o terceiro — o de "Informações" — visando particularmente às questões de segurança interna, também está ligado ao homem e à sua opinião.

O nosso "Curso de Relações Públicas" — considerado por autorizados especialistas como tendo modelar currículo — produziu em 67, em consonância com o 2º ano da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, com base em monografias de alunos, um Anteprojeto de Manual de Relações Públicas, à guisa de subsídio para os estudos de formulação de um novo Manual.

Em seu pôrtico se escreveu que "a finalidade do presente Manual é fixar normas, conceitos e princípios que orientem o Oficial de Relações Públicas para o desempenho de suas atribuições nas Organizações Militares e regular atividades de Relações Públicas para informar, persuadir e integrar os públicos, facilitando a criação e manutenção da imagem ótima do Exército".

Por que razão tanto se ressalta a preocupação do Exército com a opinião pública e com a criação e manutenção de sua imagem ótima?

4.2 Aspectos atuais da guerra

É que, hoje, mais do que nunca, se tem a convicção de que as guerras se vencem ou se perdem na mente dos homens.

Após a explosão nuclear de Hiroshima, que desencadeou a maior revolução militar de todos os tempos e a segunda revolução industrial, o rápido aperfeiçoamento das armas nucleares, permitindo a antevista de efeitos milhares de vezes maiores que os de Hiroshima, neutralizou a ameaça de guerra total, mas levou as grandes potências ao equilíbrio do terror, que haveria de favorecer a estratégia comunista da guerra fria.

A ela se incorporaram as técnicas e táticas de Guerra Revolucionária, com que Mao-Tse-Tung se impôs numa China devastada e degradada. Valendo-se da Guerra Fria e da Guerra Revolucionária o comunismo pressiona e agride em toda parte, explorando os descontentamentos sociais e se beneficiando das franquias democráticas, para, no mínimo, triunfar sem guerra, e, se possível, fazê-lo sem restrições. Assim, a Guerra Revolucionária é um produto da revolução militar do nosso tempo.

Por outro lado, não devemos cometer o êrro primário de considerar como Guerra Revolucionária todos os problemas sociais e como subversivos os que desejam honestamente a sua solução. Ao contrário, nosso dever é o de, corajosamente, encará-los e resolvê-los, sobretudo por uma questão de dignidade e de consciência e, no mínimo, para que não sirvam de bandeira a outros desígnios.

De igual forma devemos caracterizar que a exacerbação e a psicose da segurança — longe de conduzir à paz e ao bem-estar — tem levado os povos ao militarismo, à guerra e à destruição, como nos lembram Esparta, Mussolini e Hitler.

Um dos componentes da Guerra Revolucionária — a Guerra Psicológica — tem efeitos ainda mais poderosos, mais amplos e mais profundos que a arma nuclear.

Haja vista que todos os principais argumentos da doutrinação comunista têm o caráter de determinismos e que a própria semântica tem seus requintes psicológicos. Dentre aquêles argumentos, o principal, o determinismo histórico, vale muito mais como idéia-fôrça, da natureza psicológica, do que como argumento racional.

Com a Arma Psicológica, os pregoeiros do sistema comunista atuam diretamente sobre todos e cada um dos indivíduos, utilizando o jornal, o rádio, a televisão, a cátedra, a ribalta, a tribuna, escudando-se nas liberdades democráticas, para assoprar o furacão de todos os ressentimentos, de todos os contrastes, de todas as perplexidades, de todas as pressões que lhes permitam, no dizer de Rui: "everter, subverter e inverter a obra do Criador", ainda que, ultimamente, compreendendo a fôrça da religião, cheguem ao desplante de invocarem o seu santo nome, no interesse de seus desígnios.

4.3 A intenção de desgastar o Exército

Ao longo de um quarto de século de efetivo serviço ao Exército, temos sentido na própria carne o efeito dessa obra destruidora. Os militares de minha geração começaram a vida com a velha injustiça de "parasitas", passando a merecer, na hora da amargura, o carinhoso apelativo de "pracinhas". Terminada a 2^a Grande Guerra, e perseguindo o mundo comunista suas próprias metas, voltamos aos labéus infamantes de "privilegiados", de "milicos", de "reacionários", de "entreguistas", de "gorilas", de "obtusos", de "caranguejos" e, por fim, de "militaristas".

É que êles sabem o papel representado pelas Fôrças Armadas na defesa das instituições, sobretudo de Marinha, de Exército e de Aeronaútica, como os nossos, de *vocação eminentemente democrática*, representativos e característicos do povo brasileiro.

Pensam como o Demian de Herman Hesse:

"A ave sai do ôvo. O ôvo é o mundo. Quem quiser nascer tem que destruir um mundo."

E para o nascimento de seu mundo comunista é mister destruir o nosso mundo — o mundo democrático.

Trata-se de destruir a nossa moral, a que chamam de pequeno-burguesa. De destruir os sistemas político, econômico e social vigentes. E, sobretudo, destruir, pela ação psicológica, quando não possam fazê-lo pela força, os exércitos que sustentam este mundo. Note-se que não se trata de aperfeiçoá-lo ou de reformá-lo, mas, sim, de destruí-lo, como fizeram alhures, com o sacrifício de duas gerações.

Esta é a razão pela qual os exércitos democráticos estão, em toda parte, sob fogo cerrado e porque vivemos, nós, os do sacerdócio militar, sob permanente tensão, tantas vezes ofendidos, intimidados e ridicularizados, numa tentativa de constante desgaste.

Não se diga que o problema é de hoje, consequente da intervenção de 64, feita para salvar a nação do caos.

Em princípio de 62, nós mesmos assinalávamos referirem os jornais que o autor de atentado contra a vida do Comandante do II Exército — o bravo General Nelson de Melo — teria declarado decidira matar um general em protesto contra a ordem social vigente no país, pois considerava o Exército o principal culpado de todos os nossos males. Que os estudantes de Pernambuco haviam dado à sua tradicional passeata de calouros o tema central de ataque ao Exército e de ofensa pessoal às mais altas autoridades militares, considerando a tímida providência de coibir os excessos, de "intervenção descarada de fôrças des-qualificadas e reacionárias". E recordávamos que, noutra oportunidade, um matutino carioca, particularmente avesso ao Exército, e cujo diretor dias antes havia sido condecorado, publicava notícia policial sob o título: "Major rouba carro e desacata guarda". O texto mencionava o

nome e o enderêço, assim como os pormenores do caso, referente à transação de compra de um automóvel de diplomata. Dias depois, o jornal, sob o mesmo título e na mesma coluna, transcrevia nota de uma embaixada, esclarecendo não estar envolvido nenhum representante de seus países. Sindicando o incidente, apuramos que o pivô da questão jamais fôra oficial do Exército, da ativa ou da reserva, mas não encontramos apoio para o esclarecimento à opinião pública, pelo argumento muito lógico de que não compensava fazê-lo, pois, de acordo com a Lei de Imprensa, a manchete mentirosa realizaria pela terceira vez a sua maldição.

De então para cá a situação fêz-se ainda mais grave. As distorções, as falsidades e as explorações são parte do quotidiano. Relembrai êste exemplo mais recente. Era uma pequena notícia sobre a cerimônia de entrega de espadas a novos generais. Colocaram-na numa página em que só havia flagelos: inundações no Nordeste, sécas no Sul e a luta inglória de estudantes por mais vagas. Bem no meio, a fotografia da cerimônia militar: a exuberância dos sorrisos dos amigos na hora dos cumprimentos. E êste "primor" de legenda, um concentrado de malícia e de má-fé: "Caserna alegre"!

A solerte propaganda contra o Exército, acentuando o desgaste e a tensão, superando até motivos da má retribuição pecuniária e da vida de sacrifícios, conseguiu afugentar, maciçamente, a mocidade das escolas militares, numa tangível ameaça à própria sobrevivência de nossas instituições.

Em seu comparecimento ao Senado, o Sr. Ministro do Exército, referindo-se ao propósito dos senadores de se esclarecerem sobre o projeto de lei em debate, para opinarem com segurança, aludiu aos ataques ao Exército:

É essa uma norma salutar que, lamentavelmente, não é sempre respeitada no Brasil, onde tanto se fala e se escreve sobre o Exército e, até contra o Exército, que tem guardado, apesar de tudo, a grandeza do seu nobre silêncio, sem sequer estudá-lo e conhecê-lo, sem pedir-lhe explicação e solicitar-lhe, nos casos de dúvidas legítimas e honestas, os necessários esclarecimentos, aos quais nunca se furtará, tanto por dever, como por interesse próprio, a Instituição Militar, de que tenho a honra de ser aqui, eventualmente, o representante".

Fazendo estas considerações não nos arrogamos o papel de árbitros, nem de donos da verdade, nem o dessas Cassandras que vêm em todo o pessimismo e a desesperança.

Desejamos apenas encarar a situação com realismo e, no ângulo estreito de nossas atividades, enfrentar a tensão, a ameaça e o perigo, que o perigo e a ameaça retemperam a alma do soldado, e a profissão militar é um constante desafio.

4.4 O Exército e o povo

É mister encarar a realidade e, como estamos fazendo, definir as causas e deter o processo de nosso desgaste.

Somos Exército de um povo que ama imensamente a liberdade; que abomina a ostentação e o formalismo; que repele o arbitrio e a fôrça; que segue mais os impulsos do coração que os ditames da consciência; emotivo e impressionável, extremado na euforia ou no desânimo; inculto, mas notavelmente arguto, generoso e bom; assim como de terrível tendência e predileção para a crítica, a irreverência, a zombaria e a maledicência.

Somos Exército de um povo rústico, simples e resignado, capaz das maiores renúncias, mas infesso aos sacrifícios inúteis ou pouco objetivos.

Somos Exército de um povo que odeia os preconceitos e os privilégios, que ama a Deus e sua Pátria, mas que preza, sobretudo, a sua maneira de ser e de viver absolutamente autênticas.

Este é o povo que forma as nossas fileiras e os nossos quadros em qualquer eventualidade e de cujo apoio tanto necessitamos para cumprir nossas missões.

Eis por que tanto se dedica esta casa ao estudo da opinião pública, das características do homem brasileiro e da imagem do nosso Exército, nela e nêle refletida.

4.5 A imagem ótima

Mas a imagem ótima do Exército não é como a imagem dos sabonetes oferecidos pelas "estrélas" fotogênicas, perdendo no conteúdo e melhorando na embalagem, para serem mais vendidos.

A imagem ótima do Exército é a sua imagem verdadeira; a vossa, a nossa, a dêles, a de nós todos — a do nosso povo — de que somos parcela representativa, nas suas misérias e grandezas.

Trata-se, isto sim, de negar a falsa imagem, a distorção, a calúnia, a mentira, preservando e cultivando a legítima.

Esta, a grande tarefa dos homens das nossas Relações Públicas. A nossa é a de preparar êsses homens e devolvê-los às organizações com uma mentalidade brasileira e militar de Relações Públicas. Por outro lado, é preciso que nos confiem oficiais com tendência e gôsto para atividades dêsse tipo, sem o que todo esforço poderá ser infrutífero, quando não contraprodutivo.

4.6 A imagem verdadeira

Trabalhar a imagem verdadeira do Exército, no sentido de fazê-la cada vez melhor, se possível ótima, é a razão de ser da vida militar de todos e de cada um de nós, o nosso brio profissional, visando a alcançar um máximo de eficiência e de produtividade.

A êsse propósito dá o Centro de Estudos de Pessoal a sua pequena contribuição, em todos os seus Cursos, inclusive no próprio Curso de Relações Públicas.

Trata-se aqui da orientação educativa de Relações Públicas, que visa essencialmente ao público interno.

A imagem do Exército é onipresente e imensa. Ele se mostra na sentinela de todo quartel, no Gabinete do Ministro ou no oficial reformado que desempenha uma função civil. Todo mérito passa despercebido, tôda falha logo se generaliza ao universo da instituição.

Estas considerações podem neste instante ser comprometidas se, por descuido da instrução, um soldado da guarda responde mal ou desrespeita uma senhora; se o bloqueio de uma área de interesse militar não é convenientemente esclarecido ao público.

Costumamos contar um episódio por nós acompanhado quando em função de Relações Públicas. Um cabo pára-quedista, na defesa da honra de sua mãe, matou um homem. Sua absolvição era considerada certa. Estimado na corporação, compareceu ao julgamento grande número de camaradas, de muitos postos, lotando o recinto do Tribunal. Tudo ia bem, até que o advogado contratado pela família do morto para a acusação, procurou, no libelo, caracterizar o militar como o homem instruído para matar. No intervalo da sessão, o acusador foi procurado por um oficial, que o ameaçou dizendo que, a continuar naquele teor, não se responsabilizaria pelo procedimento de seus subordinados, cuja paciência se esgotava. No reinício dos trabalhos, o promotor mencionou a ameaça, requereu ao Juiz refôrço de policiamento e a retirada dos militares do Exército, a fim de que tivesse garantias para prosseguir na acusação. Concedida a segurança, o acusador tirou o máximo proveito do incidente, apontando-o como a comprovação de suas anteriores assertivas e reenviando acusações à classe a que pertencia o réu. Mais tarde, fora do recinto, os militares tomariam conhecimento da condenação do compa-inferno.

O fato é por demais sugestivo para, sem comentários, exemplificar o quanto existe a fazer no campo da orientação educativa do público interno.

4.7 As Operações Psicológicas

Para marcar a importância da contribuição do Centro de Estudos de Pessoal na preparação de oficiais habilitados para o desempenho de funções técnicas de planejamento, contrôle, coordenação e condução de operações psicológicas, permitir-nos-emos transcrever algumas declarações do General Westmoreland, em sua entrevista sobre a recente ofensiva comunista, o documento mais preciso para a perfeita compreensão do quadro da Guerra do Vietnã.

Perguntado se a facilidade com que os Vietcongs se infiltravam nas cidades, iniciando as batalhas dentro delas, não indica que possuíam mais partidários do que acreditava, respondeu que:

"Não significa, necessariamente, que o Vietcong tenha mais partidários do que acreditávamos. Apenas são necessários uns poucos colaboradores para auxiliar os infiltradores a entrar em uma região povoada, particularmente se êsses infiltradores estão bem preparados e são disciplinados. O uso de caminhos públicos e os disfarces de civis dificultaram ainda mais descobrir os infiltradores. Muitos viajaram em ônibus e em bicicletas, trajando roupas civis. O que quer dizer é que na maioria dos casos, o Vietcong se infiltrou nas cidades passando junto à população civil, misturando-se com ela apenas incidentalmente ao avançar pelas vias públicas. Não há dúvida de que algumas pessoas notaram êsses movimentos, mas ficaram caladas por temor, apatia ou em virtude das festas do ano novo lunar, grandemente esperadas; não necessariamente por que fôssem simpatizantes". E eu me permito acrescentar que assim procederam porque foram submetidas a todo um violento processo de guerra psicológica.

Respondendo a outra pergunta, o general caracterizou que havia milhares de informações segundo as quais o moral dos Vitcongs estaria enfraquecendo. Assim, uma razão para que lançasse a ofensiva em grande escala foi que estava seriamente preocupado por êsse enfraquecimento moral. Ao planejá-lo, foram dados passos extraordinários, fazendo-se propaganda a seus líderes e às tropas vietcongs e do Vietnã do Norte. Foi-lhes dito que o povo nas cidades os receberia e que haveria um levante geral. Que o Exército do Vietnã do Sul, espiritualmente debilitado, tinha poucas possibilidades de lutar e que se uniria às fileiras vietcongs apoiando o levante.

Aí está bem caracterizada a *importância das operações psicológicas*, pois sem o trabalho psicológico exercido sobre suas próprias forças e sobre a população do Vietnã do Sul, teria sido impossível aos comunistas empreender a vigorosa ofensiva do Ano Nôvo Lunar.

4.8 As Informações

Do *Curso de Informações*, presentemente no CEP, como semente talvez de uma futura Escola de Informações, habilitando oficiais para o desempenho de funções técnicas de Informações e Contra-Informações, visando particularmente à segurança interna, diremos que *tem importância básica para a verdadeira imagem do Exército*, sobretudo em sua eficiência profissional.

Estamos todos empenhados em *formar especialistas de informações de um Exército democrático*, jamais para o totalitarismo. Isto significa que o *Curso de Informações* é o ofício da verdade. Que sómente dela, e não da fantasia, e não do medo, e não da falsidade, necessita o chefe para as suas decisões. Significa que devemos *desenvolver uma sadia men-*

talidade, apontando os perigos da desinformação, da má informação e, por outro lado, dos excessos e deturpações das Informações. Estamos seguros de que a psicose e a distorção das Informações de Segurança Interna não conduzem à segurança, mas ao policialismo, ao medo, à cizânia e ao ódio. Nossa orientação está perfeitamente coordenada e consonante com a dos órgãos nacionais e militares de Informações.

4.9 Os Idiomas Estrangeiros

A eficiência do Curso Intensivo de Idiomas Estrangeiros, em pleno andamento, visando basicamente a preparar oficiais designados para funções no exterior, tem permitido ao Estado-Maior do Exército a adoção de salutar política de indicação de oficiais para êsses misteres. Procura-se agora o oficial que, por suas características, possa dar melhor rendimento à experiência vivida no estrangeiro, e não o mais bem adestrado no idioma do destino.

Cumpre-nos dizer, no entanto, que estamos meditando sobre o problema dos cursos regulares de idiomas. Numa primeira observação, parece-nos que, nos termos atuais, estamos servindo mais ao patrimônio individual — e servindo a quem dispõe de tempo — do que ao interesse coletivo. Se confirmada, encaminharemos aos nossos superiores proposta para a sua substituição por cursos regulares de formação de tradutores — não só de inglês, mas de francês, de alemão, de italiano e até de russo — segundo as necessidades das organizações militares de alto nível.

Servindo ainda ao aperfeiçoamento da imagem verdadeira do Exército, estaremos, em breves dias, iniciando nossa cooperação com a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, tomando a nosso cargo, a título experimental, o ensino de inglês de seus alunos, particularmente dos 1º e 2º anos, num total de quase cem.

4.10 Os Cursos para Sargentos

Há já uma semana começaram os cursos para Sargentos, compreendendo, nos três períodos, o Curso de Auxiliar Especial de Informações, habilitando Sargentos para o desempenho em Seções de Informações; o Curso de Monitor-Inspetor de Aluno, para as funções em Seções Técnicas de Ensino e nos Colégios Militares, como monitores de alunos; e o Curso de Classificador de Pessoal para as funções em Seções Psicotécnicas nos Quartéis-Gerais e Escolas.

4.12 A Técnica de Administração

No 2º período, o Centro de Estudos de Pessoal fará funcionar o Curso de Técnica de Ensino, o Curso de Técnica de Administração e o Curso de Psicotécnica Militar.

O Curso de Técnica de Ensino, desde o seu funcionamento autônomo, é um dos beneméritos do Exército, colaborador da boa qualidade do ensino em toda a instituição. Sob a segura orientação da Diretoria-Geral

dé Ensino, estaremos colaborando com ela na formulação de anteprojetos de importantes documentos. E, por outro lado, atentos à evolução da técnica, apoiaremos o desenvolvimento de novas experiências sobre a instrução programada.

4.12 A Técnica de Administração

Em nenhum outro Curso poderemos contribuir mais para a produtividade do Exército do que no Curso de Técnica de Administração, de resultados já palpáveis no assessoramento dos chefes, no que se refere ao planejamento, à coordenação, à análise e à racionalização da administração nas Organizações Militares.

Cumpre-nos alertar-vos, porém, desde já, contra possíveis excessos e distorções a que a mentalidade do tecnicismo administrativo poderá levar um ou outro. Referimo-nos à tendência para a assimilação pura e simples das práticas da administração empresarial. Ressalte-se que a administração militar tem certas especificidades que não podem ser abandonadas. Assim, por exemplo, há que conciliar o princípio da unidade de comando com o da delegação de competência administrativa. Nas análises de custos de certas organizações ter-se-á em vista que as necessidades de emprêgo militar poderão sobrepor-se, muitas vezes, aos princípios da boa técnica administrativa.

4.13 A Psicotécnica Militar

Grande campo também é o abrangido pelo Curso de Psicotécnica Militar, habilitando oficiais para o desempenho de funções de seleção, ajustamento e reajustamento de pessoal, orientação profissional, preparação de instrumentos de medida psicológica e pesquisa de psicologia aplicada à arte da guerra. Dêle muito depende a nossa imagem ótima perante a opinião pública, porque o Exército é o que são os seus homens, da sentinela ao Ministro.

É mister a urgente dinamização desse setor, pois nós, que já fomos pioneiros, nos deixamos ultrapassar até no âmbito das Forças Armadas. *Urge formar mais psicotécnicos militares, estudar a criação do Centro de Seleção do Exército, reformular os instrumentos de medida — adequando-os mais e melhor ao homem brasileiro de cada região — e elaborar os instrumentos de análise profissiográfica de uma variada gama de qualificações militares, isso tudo sem falar no problema do reajustamento de pessoal.*

O CEP e a ECEME estão empenhados, lado a lado, no *imenso desafio da Psicotécnica Militar*.

Por força das circunstâncias, o CEP vem funcionando, malgrado suas limitações, como uma espécie de Centro, realizando seleção para o Corpo de Bombeiros, para a Polícia Militar, para o Núcleo da Divisão Aeroterrestre, de motoristas para inúmeras Organizações Militares e exames em

grau de recurso para os diversos estabelecimentos de ensino, sem falar nos de seu próprio pessoal. O vulto dêsses encargos, certa forma, desvia meios das tarefas de pesquisa, mas, certamente, haveremos de enfrentá-las em proveito do Exército.

Chegará o dia em que, ao fim da vida militar, o companheiro receba e siga uma boa orientação de reajuste, eliminando o tremendo desgaste sofrido pelo Exército perante a opinião pública, com a legião de oficiais da reserva que, na ânsia natural de suplementar seus parcos proveitos, desempenham funções para as quais nem sempre possuem aptidões, se acham preparados, ou dispõem de energia suficiente para fazê-lo.

4.14 A Educação Cívica

Há uma grande tarefa, por nós realizada empíricamente a cada instante, para a qual não nos preparamos básicamente em lugar algum e que exige nossa melhor atenção: a educação cívica.

Trazemos para o CEP a convicção de que devemos desenvolver o estudo de suas técnicas, em alguns dos nossos cursos já existentes ou criar um específico para fazê-lo.

Nessa matéria, fazemos muito e não fazemos nada, e penso ser semelhante ou pior o quadro no ensino civil.

Nos seminários de que temos participado, encontramos a primeira dificuldade no conceituar o que seja civismo, pois cada qual tem dêle sua própria concepção.

Trata-se de bem definido, de precisar os seus fins, e de traçar os seus novos caminhos. Trata-se de *desenvolver um novo sentido de civismo*. Não apenas o civismo teórico de adorar o passado, de bendizer a bandeira e o hino. Mas *um civismo dinâmico e moderno*, que nos ajude a amar o próximo; a crer na democracia; a trabalhar pela grandeza de nossa Pátria; a superar a ignorância, a miséria e a dor; a vencer as injustiças sociais; a realizar, enfim, a grande obra do bem comum, não apenas no âmbito da comunidade nacional, mas de toda a humanidade.

Um civismo voltado para o futuro. Um civismo apropriado a cada idade, a cada campo — ao familiar, ao escolar, ao militar, ao comunitário ou ao popular. Um civismo da escola ativa, da vivência, do exemplo.

Quereis um exemplo de civismo escolar de nível universitário? Aí está o Projeto Rodon, que o Exército e o próprio CEP apoiaram, a melhor iniciativa da Revolução de Março no campo da educação, visando à integração da vida universitária à vida nacional. Devemo-la, em sua origem, ao idealismo de um grupo de educadores da Universidade do Estado da Guanabara, aqui representada pela extraordinária figura do decano de nossos mestres, o Professor Raul Bittencourt.

Quereis um exemplo de civismo popular, de notáveis serviços já prestados à Nação? Aí está, ao nosso alcance, no recesso de nossos lares, todas as noites, essa notável universidade do Professor Gilson Amado.

Externamos nossa convicção de que no dia em que estivermos realmente capacitados a realizar, em plenitude, a formação cívica da parcela da mocidade que, anualmente, o povo nos confia, teremos alcançado a imagem ótima do Exército perante a opinião pública.

5. CONCLUSÃO

Ao término destas considerações sobre o "CEP e a imagem do Exército perante a opinião pública", desejo dizer a palavra de saudação aos companheiros das nações amigas, de outras Fôrças e de organizações civis. Faço votos de que os conceitos emitidos sobre o nosso Exército possam ser aplicados em seus setores de atividades.

Aos eminentes professôres que servem ao Exército, servindo ao CEP, desejo dizer:

Este mundo também é vosso e em vós mesmos encontrei aquêle amor e aquêle zêlo do antigo comandante. Desejo-vos pleno êxito, na nova caminhada, na qual, ao mesmo tempo, me manda o dever, siga eu à frente, e, a admiração, que eu vos siga.

Ao meu chefe direto, Diretor-Geral de Ensino, General-de-Divisão Idálio Sardenberg, comunico o início da missão do CEP, inteiramente fiel às suas diretrizes, como instrumento de trabalho nas mãos de Sua Excelência.

Ao Excelentíssimo Senhor General-de-Exército Orlando Geisel, Chefe do Estado-Maior, a cujo lado estive, para honra minha, antes que viesse, agradeço, em nome do CEP, o estímulo da presença.

E convoco os meus mestres, e os meus oficiais-alunos, e os meus oficiais do estado efetivo, ao trabalho construtivo, com aquêle entusiasmo que o General Geisel disse um dia ser:

"O fermento da vontade, algo como Deus no coração."

Com êsse entusiasmo, na nossa pequenez e na modéstia do nosso Centro, haveremos de fazer muito pela eficiência do Exército e pelo aperfeiçoamento de sua imagem na opinião pública, tão necessário ao sucesso no cumprimento da missão.



G. R. Schmid & Cia. Ltda.

PAPELARIA — TIPOGRAFIA — MATERIAL
DE DESENHO — MATERIAL DE LIMPEZA

Rua Teófilo Otoni, 113-3º — Tel. 43-9462

RIO DE JANEIRO